

## Há sempre um nome de mulher

Roberta Veiga\*

*Há sempre um nome de mulher:*<sup>1</sup> *olhares feministas para o documentário brasileiro* é o título do dossier temático desse número da *Doc On-line* que convida as leitora e leitores a rever a história do cinema documental brasileiro a partir, com e entre mulheres, personagens, diretoras, pesquisadoras, e teóricas do cinema. Os artigos que compõe esses olhares podem ser divididos em dois blocos.

No primeiro, prestamos homenagem a um documentarista que reinventou o gênero, e que possui uma das maiores fortuna crítica do documentário brasileiro: Eduardo Coutinho. O cineasta teria feito 90 anos ano passado (2023) e, no mês de fevereiro, desse ano de 2024, completam 10 anos de sua lamentável partida. Porém, trata-se de uma homenagem diferente, pois se engaja ao trabalho do cineasta a partir de suas personagens mulheres e, portanto, busca uma leitura feminista de seu método, de sua obra e dos desdobramentos dela.

Esse bloco nasce dos encontros do grupo de pesquisa da UFMG, *Poéticas Femininas, Políticas Feministas*, em 2021 e 2022, dedicados a uma série de debates sobre as muitas e múltiplas personagens mulheres que integram a filmografia do cineasta. Após as conversas junto ao grupo, foi proposta pelas autoras uma mesa temática para Socine, de 2023, na Unila (Foz do Iguaçu), intitulada *Mulheres no Cinema de Eduardo Coutinho*, cujas apresentações foram aqui convertidas em artigos.

O texto, de Roberta (essa que escreve), abre o bloco na medida em que busca um apanhado geral da obra do diretor na qual seu método é associado à ética do cuidado, e a oralidade das personagens é discutida através das negociações com a “condição de feminina” enquanto resultado da subalternização capitalista das mulheres. Em seguida Claudia retoma mais uma vez a grandiosa Elizabeth Teixeira, militante das ligas camponesas e protagonista de *Cabra marcado para morrer* (1984) e de *A família de Elizabeth Teixeira* (2013), de forma a traçar a trama filmica, fotográfica

---

1. Tomamos de empréstimo o título do Trabalho de Conclusão de Curso, da hoje destacada diretora Juliana Antunes, que foi sementinha do que viria a ser o aclamado *Baronesa*.

---

\* Editora convidada para a edição n. 35 da *DOC On-line*. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Dep. de Comunicação, Grupo de pesquisa Poéticas Femininas, Políticas Feminista (UFMG-Cnpq). 31270-901, Belo Horizonte, Brasil. E-mail: roveigadevolta@gmail.com

e familiar, que a liga às suas filhas e netas identificando diferentes modulações de embate às opressões patriarcais sofridas por elas. Encerrando esse bloco, *Kamila* nos convida a participar do diário de bordo de sua pesquisa de mestrado, ao trazer um ensaio de notas sobre sua ligação com as mulheres de *Ofim e o princípio* (2005) e sua experiência de retorno a Araçás, município de São João do Rio de Peixe, no Sertão da Paraíba, mais de 15 anos após a realização do filme por Coutinho.

No segundo bloco do dossiê, apresentamos quatro artigos no qual além da atenção às mulheres como personagens fundamentais na construção histórica do documentário brasileiro, elas são vistas em sua diversidade como cineastas. Os artigos inventariam, historicizam, analisam e revelam importantes figuras femininas, que depois de logo tempo apagadas da história do cinema no Brasil, retornam com sua potência estética e política, construindo o que chamamos de um “contra-cinema de mulheres”. Tal contra-cinema, defendidos nominalmente por *Claire Johnston* e teoricamente por *Laura Mulvey*, em comum, trataria de trazer as mulheres para um protagonismo de fato, no qual tivessem agência sobre seus desejos e interpelações sociais e políticas, e não o destaque em narrativas ficcionais na qual sustentam às pulsões escópicas masculinas. Contra as formas de objetificação e sexualização do corpo feminino e da função narrativa das mulheres como não-homem, contra o apagamento das mulheres negras no cinema clássico, e contra as imagens de controle, das quais nos fala *Patrícia Hill Collins e bell hooks*, esses artigos expressam, antes de mais nada, a urgência de perspectivas feministas interseccionais que reescrevam e ressignifiquem a história do cinema contra o domínio falo-euro-cêntrico.

Assim, em uma coalizão, os olhares feministas aqui agrupados inventariam e historicizam a produção sobre as prostitutas, a partir da cartografia de suas figuras no cinema feito por mulheres no Brasil, com destaque ao documentário, no artigo de *Juliana*; analisam os filmes de *Edileuza Penha*, destacando sua abertura para as vivências, saberes e sensibilidades de mulheres pretas, paneleiras, congueiras e filhas de lavadeira, no texto de *Renata e Carolinne*; revelam, no artigo de *Patrícia e Tháís*, a potência da atriz *Norma Bengell* que, para além de sua atuação num cinema brasileiro consagrado pela cinefilia masculina, foi ativista, lutou contra ditadura, e se dedicou ao seu projeto de filmar a vida de mulheres revolucionárias e atrizes brasileiras. Para encerrar, é *Karla* quem nos apresenta um breve inventário de personagens mulheres no documentário brasileiro, desde os anos 60, e arremata a trajetória de leitura oferecida por esse dossiê.

Enfim, diferentes perspectivas feministas se juntam aqui para, a contrapelo de um cinema e uma cinefilia machistas, prescrutar não só as formas de marginalização e apagamento colonialistas, patriarcais e capitalistas, das escritas e inscrições femininas, mas também as múltiplas formas de resistência e lutas das mulheres. Seja na construção de personagens que usaram a oralidade para se inserirem social e historicamente, seja pela direção de filmes sobre suas opressões e embates, seja pelo destaque de seus saberes tradicionais e comunitários, as mulheres acolhidas nesses artigos de mulheres representam uma tomada de posição feminina, antirracista e decolonial, que não pode mais ser calada nos pensamentos, práticas e espaços onde o cinema comparece.